

PRODUÇÃO DE LEITE NO BRASIL

Sebastião Teixeira Gomes¹

1. DESEMPENHO DA ATIVIDADE LEITEIRA

No número anterior da Revista Leite B discutimos alguns aspectos relacionados ao consumo de leite no Brasil e, agora, passaremos a examinar o lado da produção.

Nas últimas três décadas a produção de leite do Brasil esteve em sintonia com o desenvolvimento econômico do País. Nas décadas de 60 e 70 quando a economia brasileira cresceu, também cresceu a produção de leite. Nos anos 60 a produção total cresceu 4,53% ao ano e a produção per capita, 1,54% ao ano. Nos anos 70 a produção total cresceu 4,85% ao ano e a produção per capita, 2,12% ao ano. Já na década de 80, quando a economia brasileira ficou praticamente estagnada, a produção total de leite cresceu apenas 2,44% ao ano e não houve crescimento da produção per capita. Neste quadro merece destaque a produção do leite tipo B, com resultados bem superiores a do leite tipo C. No período de 1971 a 1989, a produção do leite tipo B cresceu a significativa taxa de 21% ao ano. Em 1989 a produção do leite tipo B, correspondia: a) 17% em relação ao leite pasteurizado; b) 8,5% em relação ao leite sob a inspeção federal e, c) 4,5% em relação ao total de leite produzido no Brasil.

Em decorrência do desempenho insatisfatório da produção global de leite, nos últimos anos, o Brasil tornou-se freqüente importador de leite em pó, para garantir o abastecimento interno. Em média, o País importou, nos anos 80, 66 mil toneladas de leite em pó (Tabela 1).

Para complicar ainda mais o abastecimento interno de leite, o mercado internacional de leite em pó tem-se comportado com preços muito instáveis. Em alguns anos o preço está muito elevado e, em outros, muito baixo; em razão das freqüentes oscilações dos estoques mundiais. Assim, por exemplo, em 1986, o Brasil fez maciças importações, durante o plano cruzado, pagando um preço muito baixo. Entretanto em 1989 o preço internacional do leite

¹ Professor da UFV e Consultor da EMBRAPA. Escrito em 03-10-91.

em pó estava muito elevado, obrigando o Governo a gastar 45 milhões de dólares só para fazer a equivalência de preço, visto que o leite importado estava mais caro do que o produzido aqui.

2. DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO

A maior parte da produção de leite do Brasil concentra-se nas regiões Sudeste (50%) e Sul (23%). Entre os estados, Minas Gerais lidera a produção nacional, com 30%, ficando em segundo lugar São Paulo com 14% da produção (Tabela 2).

Quanto ao tamanho da exploração, os pequenos produtores predominam, em termos de números, mas o grosso da produção vem dos grandes produtores. Os dados da Tabela 3, para a principal bacia leiteira de Minas, mostram que 81% de pequenos produtores (até 100 litros de leite por dia) respondem apenas com 28% da produção; enquanto 19% dos médios e grandes produtores respondem por 72% da produção. A tendência concentradora da produção de leite está diretamente relacionada com a economia de escala, (redução de custo de produção a medida que aumenta o tamanho da exploração) típica da atividade leiteira.

3. FONTES DE CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO

A produção de leite pode crescer aumentando o número de vacas ordenhadas (crescimento extensivo), aumentando a produtividade (crescimento intensivo) e pela combinação dessas duas fontes.

A produtividade do rebanho brasileiro é, em média, das mais baixas do mundo. De acordo com dados da FAO, em 1989, a produtividade média do mundo era 2.109 kg de leite/ano/vaca ordenhada. Os países com produtividades mais elevadas são: Israel 7991 kg, EUA 6.521 kg, Dinamarca 6.333 kg, Canadá 5.806 kg e Holanda 5.236 kg. Ainda segundo a FAO, a produtividade média do Brasil, em 1989, foi de 731 kg/ano/vaca ordenhada. Deve-se ressaltar que essa produtividade inclui toda a pecuária nacional, inclusive a de corte. Segundo o IBGE a produtividade do rebanho brasileiro, classificado como de leite, é de 1.135 kg/ano/vaca ordenhada. Ainda assim, tal produtividade é muito inferior a de países mais avançados em termos de pecuária leiteira.

O exame dos dados da Tabela 4, mostra que o aumento da produtividade do rebanho vem-se verificando a taxas muito pequenas. Essa é a principal razão do alargamento das

bacias leiteiras, com graves conseqüências para a qualidade do produto e para a elevação do custo do transporte.

4. TERMOS DE TROCA DO LEITE

O objetivo principal do produtor é a maximização do lucro. Para alcançar tal objetivo os seguintes procedimentos podem ser adotados: a) aumentar a relação entre a quantidade de produto e a quantidade de fator de produção (produtividade); b) aumentar a relação entre o preço do produto e o preço do fator de produção (termos de troca) e, c) combinar as duas alternativas anteriores. A realidade brasileira mostra um aumento muito pequeno da produtividade e uma deterioração dos termos de troca para o produtor. A conseqüência natural dessa realidade é redução da lucratividade do produtor e seu empobrecimento.

Quanto aos termos de troca eles se tornam desfavorável para o produtor em razão das estruturas desiguais dos mercados. O mercado de insumos é, geralmente, oligopolizados (poucos vendedores) e por isso, os fabricantes têm como afetar seus preços. Por outro lado, o mercado de produção de leite é concorrencial (muitos vendedores) e por isso, o produtor é apenas um tomador de preço.

O exame da Tabela 5 mostra, claramente, a deterioração dos termos de troca para o produtor. A cada ano o produtor teve que vender 2% a mais de leite para comprar a mesma quantidade de concentrado.

5. O LUCRO DO PRODUTOR

A realidade da pecuária leiteira brasileira mostra que dificilmente o produtor elevará seu lucro sem modificar, simultaneamente, a produtividade e os termos de troca. É pouco provável que ele alcance seu objetivo atacando apenas um dos fatores que afetam o lucro. Sem modificar a atual baixa produtividade, coloca-se um peso muito grande na mudança dos termos de troca para elevar a lucratividade. Do mesmo modo, com deterioração atual dos termos de troca, coloca-se um peso muito grande na mudança da produtividade para elevar a lucratividade.

A queda do poder de compra do consumidor indica que deve-se procurar saídas para elevar os termos de troca sem repassar para o consumidor um pesado ônus. Neste sentido, algumas estratégias podem ser implementadas para elevar o preço do leite para o produtor:

- a) Repassar para o produtor ganhos da industrialização.
- b) Reduzir impostos sobre a produção e comercialização do leite.
- c) Pagar por qualidade do leite.
- d) Aumentar a diferença entre o preço do leite cota e do excesso.
- e) Viabilizar programas de distribuição gratuita de leite para famílias de baixa renda.
- f) Sobretaxar importações subsidiadas.
- g) Incluir o leite na política de preço mínimo.
- h) Reduzir o prazo de pagamento do leite ao produtor.
- i) Alterar a legislação atual para possibilitar o transporte do leite da fazenda para a usina de dois em dois dias, porém, garantindo o padrão de qualidade previsto nas normas vigentes. Esse procedimento reduz significativamente o custo do transporte.

Para reduzir os preços dos fatores de produção, as seguintes estratégias podem ser implementadas:

- a) Reduzir impostos sobre os fatores de produção
- b) Substituir fatores de produção relativamente mais caros por outros mais baratos.
Exemplo: concentrados por volumosos de boa qualidade
- c) Comprar em conjunto para ganhar em escala
- d) Preparar alimentos na própria fazenda ou nas cooperativas
- e) Regulamentar atuação de oligopólios
- f) Facilitar importação de insumos.

Tabela 1 - Importações brasileiras de leite em pó

Ano	Mil toneladas
1980	32
1981	9
1982	10
1983	20
1984	31
1985	35
1986	274
1987	135
1988	13
1989	105

Tabela 2 - Distribuição percentual da produção de leite no Brasil em 1988

Grandes regiões e unidades da federação	%
BRASIL	100,00
NORTE	2,57
Rondônia	0,53
Acre	0,14
Amazonas	0,24
Roraima	0,09
Pará	1,56
Amapá	0,01
NORDESTE	13,22
Maranhão	0,79
Piauí	0,39
Ceará	1,66
Rio Grande do Norte	0,87
Paraíba	1,05
Pernambuco	2,14
Alagoas	0,78
Sergipe	0,56
Bahia	4,98
SUDESTE	49,48
Minas Gerais	29,99
Espírito Santo	2,09
Rio de Janeiro	3,03
São Paulo	14,37
SUL	22,85
Paraná	8,32
Santa Catarina	4,60
Rio Grande do Sul	9,93
CENTRO-OESTE	11,88
Mato Grosso do Sul	2,58
Mato Grosso	1,04
Goiás	8,18
Distrito Federal	0,08

Tabela 3 - Distribuição da produção de leite na região Sul de Minas

Litros por dia	% produtores	% produção
Até 50	65,08	14,18
51-100	16,25	14,07
101-500	15,93	39,29
501-1000	1,92	15,77
Acima de 1000	0,82	16,69
Total	100,00	100,00

Fonte: CBCL.

Tabela 4 - Taxas anuais de crescimento da produção de leite, da produtividade do rebanho e do número de vacas ordenhadas, no período 1980-88

Especificação	Produção (%)	Produtividade (%)	Vacas ordenhadas (%)
BRASIL	2,37	1,15	1,22
Minas Gerais	2,59	1,82	0,77
São Paulo	0,96	0,96	0,00
Rio Grande do Sul	0,00	1,21	-1,21
Goiás	1,41	1,41	0,00
Paraná	3,96	2,29	1,67

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil - IBGE (dados originais).

Tabela 5 - Relação entre o preço do concentrado para vaca leiteira pago pelo produtor e o preço do leite tipo C recebido pelo produtor no período de 1980-90

Anos	Preço concentrado (Cr\$/kg)/Preço do leite (Cr\$/L)
1980	1,01
1981	1,03
1982	1,17
1983	1,50
1984	1,45
1985	1,31
1986	1,55
1987	1,24
1988	1,60
1989	1,25
1990	1,21
Taxa anual de crescimento	2,08

Fonte: SUNAB e EPAMIG.